

MOURA, Heronides. ***O vírus bandido: linguagem e política na pandemia.***
Campinas: Unicamp, 2023. 200 p.

Um remédio em meio à epidemia de leituras sobre a política na pandemia

Luiz QUERIQUELLI¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v20i2.3687>

A profusão de obras que exploram a interseção entre política e pandemia nos últimos anos e o relativo esgotamento do tema no debate público tornaram difícil a tarefa de filtrar trabalhos inovadores sobre o assunto, capazes de deslocar nosso olhar para aspectos inauditos desse entroncamento, de um modo que nos instigue a fazer novas reflexões e extrair lições úteis dele. A recente publicação de Heronides Moura, semanticista que há mais de duas décadas se dedica ao problema da metáfora, talvez justamente por incluir este elemento na equação, desponta como um trabalho inovador, que oferece uma alternativa inusitada para compreender as interferências do mundo político sobre a pandemia do covid-19, mostrando-as sob a ótica da linguagem.

O trabalho se divide em três partes, revelando gradualmente como as metáforas podem representar uma chave de leitura valiosa em contextos pandêmicos, que invariavelmente são condicionados pela política. O primeiro capítulo faz uma grande revisão da teoria da metáfora, com foco nas metáforas sobre doenças e em como certos padrões metafóricos se repetiram ao longo da história, em diferentes crises sanitárias. O segundo capítulo traz o estudo de caso principal, das metáforas na pandemia de covid-19, não sem antes mostrar como a linguagem metafórica afetou o enfrentamento da aids e do câncer, a fim de extrair *insights* analíticos e estabelecer padrões comparativos. Por fim, o terceiro capítulo enfoca o aspecto político do problema, mostrando como, no Brasil, a metáfora de guerra contra o coronavírus no fim das contas favoreceu seu combate, pois acabou por unir todos os brasileiros em prol de uma causa – derrotar o inimigo comum – o que favoreceu a adesão em massa à vacinação, a despeito de profundas diferenças políticas e ideológicas que ameaçavam rachar o país e comprometer as políticas sanitárias.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil; luizqueriquelli@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-4573-3289>

- | *O vírus bandido: linguagem e política na pandemia* (resenha)

O capítulo constrói argumentos para mostrar que a mesma ameaça acometeu os EUA, porém lá o grupo identitário conservador se fechou dentro de si, rechaçando a vacinação, acreditando que o inimigo não era comum a todos, mas apenas aos impuros (democratas, progressistas e imigrantes).

Alguns méritos da obra merecem ser destacados, a começar pela perspicácia de escolher a pandemia no Brasil – um caos à parte – para debater o poder das metáforas e seu caráter ambivalente. Ao apresentar sua base conceitual e revisitar a história das metáforas em contextos pandêmicos, o linguista demonstra reiteradamente que elas podem, ao mesmo tempo, favorecer a compreensão de fenômenos complexos, mas também enviesá-la, com potenciais consequências danosas, e isso é especialmente válido no enfrentamento de doenças.

Além disso, é digno de nota o estilo adotado pelo autor. Moura, embora tenha levado o estudo a cabo com rigor acadêmico, adota uma linguagem leve e transparente, capaz de cativar leitores não tolerantes a academicismos enfadonhos. Passagens como a seguinte, que conferem uma nuance literária ao texto sem lhe tirar objetividade, aliviam a leitura: “O vírus era um bandido que estava em guerra contra a nossa sociedade, sempre à espreita de uma oportunidade para atacar. Ele vinha em ondas e nos atingia em cheio, deixando-nos soterrados, chegando em nossas cidades como um visitante indesejado.” (p. 103). A preferência por palavras com frescor e imagens concretas a palavreados banais e o esforço de orientar o olhar do leitor para que ele possa enxergar o problema em questão nos fazem crer que Moura esteve guiado pelo que Pinkster (2016, p. 43) chama de “estilo clássico”: “um antídoto para o acadêmiquês [...] e outros tipos de prosa mal ventilada” (*ibid.*, p. 41).

Também é salutar a abundância de exemplos, em sua maioria extraídos do *corpus* MCM (Metáforas sobre o Coronavírus na Mídia) – elaborado por Alice Ribeiro Dionízio sob a supervisão de Moura –, mas também extraídos de outros estudos, cujos dados são reexaminados. Essa carga empírica dá ao autor muita tranquilidade para conduzir seus argumentos e o resguarda de potenciais críticas que o acusem de enviesamento ideológico, algo esperado, considerando os elementos explosivos com que lida.

A propósito, é perceptível seu cuidado constante para não cair num discurso maniqueísta, dicotômico e moralista sobre a política brasileira. Em especial no terceiro capítulo, em que trata diretamente da política brasileira na pandemia e inevitavelmente faz referência ao governo de então, Moura sinaliza ao leitor que busca tratar seu objeto com distanciamento, frequentemente dirigindo, de modo equânime, críticas a ambos os polos do espectro ideológico, como na seguinte passagem:

O pensamento motivado existe em todos os grupos sociais, sendo importante para manter a coesão entre seus membros e fortalecer a adesão a seus princípios. Tudo isso explica por que o eleitorado fiel de Bolsonaro (cerca de um terço da população brasileira!) aprova a gestão da pandemia: sustentar uma opinião diferente significaria romper com a ideologia do grupo e deixar trincar a identidade social conservadora, tão almejada e valorizada por essas pessoas. [...] Para ser justo, erros de avaliação ocorrem também na esquerda. Até hoje, a opinião majoritária em grupos petistas é a de que Cuba não é uma ditadura. No máximo, segundo esses grupos, trata-se de um regime autoritário, mas que no fundo é voltado aos interesses do povo cubano, o que justificaria, segundo eles, esse autoritarismo (p. 157-159).

Acima de tudo, o livro surge como um olhar inesperado sobre a atual crise política pela qual passa o Brasil. Ele não pretende oferecer uma explicação para o que está acontecendo, não encaminha nenhuma solução, nem aventa desdobramentos sombrios e distópicos. No entanto, tem o mérito de deslocar nosso olhar para um ângulo inesperado que quase ninguém explorou, e isso por si já constitui seu valor.

O trabalho, justamente por não ser pretencioso e cumprir o que se propõe a fazer, apresenta poucas lacunas. Porém, em relação a algumas posições tomadas pelo autor, seria desejável, pelo menos, um aprofundamento. A principal delas é a resposta de Moura ao potencial destrutivo das metáforas. Como já sugerimos, o livro é um grande ensaio sobre o poder da metáfora, e o autor deixa muito claro que ela tem um lado positivo e um negativo. O primeiro é o fato de as metáforas nos ajudarem a nos expressarmos com mais efeito, simplificando algo difícil de entender, e isso emergiu em diferentes momentos da história, inclusive durante a pandemia de covid-19, isto é, diante de uma situação crítica, diante de algo que ninguém entendia, as metáforas ajudaram as pessoas a racionalizar o que elas estavam começando a entender. O lado negativo diz respeito a sua capacidade de enviesar a abordagem de um problema para um caminho prejudicial, como no caso dos estupros na cidade de Buffalo no início dos anos 90, que, na avaliação de Kelling (1991), foram agravados e multiplicados pela metáfora de guerra; no caso dos tratamentos do câncer e da aids, que, segundo Hendricks *et al.* (2018), não foram prejudicados pela metáfora do combate (na qual o paciente se via como campo de guerra), mas favorecidos pela metáfora da jornada (que conferia esperança e perspectiva ao paciente); e o caso da vacinação contra o coronavírus nos EUA, parcialmente fracassada por uma combinação de metáforas (o muro que separa os puros dos impuros e a crença de que, na guerra, o inimigo só ameaçava os impuros).

Diante desse potencial negativo, Susan Sontag, uma das maiores expoentes no tema em questão, em seu clássico *Doença como metáfora* (1989), propõe o abandono das metáforas na referência às doenças, pois elas sobrecarregam de significado uma realidade biológica que deve ser tratada da forma mais objetiva possível. Moura, por sua vez, descarta a proposta de Sontag, afirmando que ela

[...] não parece factível, pois, como a covid-19 mostrou, uma pandemia viral é ocasião também para uma pandemia de metáforas. Controlar as metáforas parece ser um empreendimento mais difícil e mais inócuo do que tentar controlar a própria doença. Como diz Brandt, “doenças continuam a atrair sentidos políticos e sociais muito poderosos. [...] A doença está repleta de sentido” (p. 80).

Uma alternativa, conforme a sugestão do autor, seria tentar entender os diferentes contextos em que uma metáfora pode emergir no discurso sobre uma doença – justamente o que ele faz nos capítulos um e dois. No entanto, Moura não indica nem discute o que poderia ser feito para evitar ou minimizar os efeitos nocivos das metáforas nesses contextos, uma vez que sua potencial emersão tenha sido identificada. Uma resposta a isso, mais do que simplesmente descartar a proposta de Sontag, comporia uma réplica mais completa a ela. Felizmente – e a própria conclusão de Moura no livro mostra isso – as metáforas sobre a pandemia no Brasil acabaram tendo um efeito benéfico; mas, e se tivessem tido um efeito nocivo como nos EUA? O autor apenas constataria o fato e concluiria a obra em tom fúnebre ou lamentoso, sem aventar alternativas para situações semelhantes no futuro?

Apesar de não oferecer respostas para esse tipo de questão, a comparação entre o desenrolar da intersecção entre metáforas e política identitária no Brasil e nos EUA torna o livro altamente recomendável. Como já indicamos, o autor conclui que, nos EUA, o vírus e a vacina com o princípio ativo do vírus eram vistos como um inimigo que tiraria a pureza do grupo identitário conservador (aqueles que se sentiam parte desse grupo se viam como puros e acreditavam que apenas os impuros, imigrantes e democratas, estavam expostos ao inimigo, ao passo que eles estariam protegidos) e, nesse sentido, tal grupo promoveu de fato um grande boicote à vacinação nos EUA. No Brasil, por outro lado, esse discurso não funcionou: apesar de haver aqui grupos conservadores separatistas, a identidade universalista, isto é, aquela que nos inclui a todos como pertencentes a um todo nacional ou humanitário, prevaleceu, e todos se uniram contra um inimigo comum, a doença; isso resultou no sucesso da vacinação aqui a despeito de quaisquer divisões identitárias.

O vírus bandido ainda surte benefícios colaterais: ele nos provoca *insights* que vêm em boa hora para entender as limitações ideológicas tanto dos conservadores quanto dos progressistas, que nos ajudam a desfazer mitos moralizantes e lidar melhor com as diferenças no debate público brasileiro. Se o autor quisesse se aventurar nas prateleiras dos *best-sellers*, poderia experimentar um título mais apelativo do tipo “Convivendo com radicais: como entender seu vizinho bolsonarista e também seu vizinho esquerdista”. Se assim o fizesse, porém, arriscaria perder algumas de suas principais virtudes, a saber, a elegância e seriedade com que analisa seu problema e com que toca nas controvérsias políticas envolvidas.

Referências

HENDRICKS, R. *et al.* Emotional implications of metaphor: Consequences of metaphor framing for mindset about cancer. **Metaphor and Symbol**, Abingdon-on-Thames, v. 33, n. 4, p. 267-279, 2018.

KELLING, G. Crime and metaphor: Toward a new concept of policing. **City Journal**, out. 1991. Disponível em: <https://www.city-journal.org/html/crime-and-metaphor-toward-new-concept-policing-12733.html>. Acesso em: 26 set. 2022.

PINKSTER, S. **Guia de escrita**. Tradução Rodolfo Ilari. Campinas: Contexto, 2016.

SONTAG, S. **Doença como metáfora**. Aids e suas metáforas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

COMO CITAR ESTA RESENHA: QUERIQUELLI, Luiz. Um remédio em meio à epidemia de leituras sobre a política na pandemia. Resenha da obra de MOURA, Heronides. *O vírus bandido: linguagem e política na pandemia*. Campinas: Unicamp, 2023. 200 p. **Revista do GEL**, v. 20, n. 2, p. 295-299, 2023. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 05/10/2023 | Aceito em: 24/10/2023.
